

XII — A APRESENTAÇÃO

Quem, porém, mostrava mais surpresa o admiração era Sancho Pança. Nunca, em dias de sua vida, vira perfeição Igual.

(Cervantes, Dom Quixote, CXXIX)

Ao bálsamo, fazem as moscas. que nele morrem, perder a suavidade do perfume. Uma parvoíce, ainda que pequena e de pouca dura, da motivo a não se ter em conta nem sabedoria nem glória

(Eclesiástes, X).

Depois de atravessarem um quarto bastante escuro, chegaram os visitantes a sala de jantar, vasto aposento ladrilhado, mas sem forro, a um canto do qual estava a filha do mineiro, mais deitada do que sentada numa espécie de canapé de taquara.

Tinha os pés sobre uma bonita pele de tamanduá-bandeira, onde se acorara, conforme o hábito, o anão a quem Pereira chamara Tico.

Ao ver chegar tanta gente, abriu a formosa menina uns grandes olhos de espanto; quis toda enleada erguer-se, mas não pôde e, corando ligeiramente, teve como que um delíquio de fraqueza.

Aproximara-se logo Cirino com vivacidade.

—A dona, disse ele para Pereira, esta tão fraca que mete do.

Chegou-se o pai juntamente com Meyer e, tomando as mãos da filha, perguntou-lhe com voz meiga e inquieta:

—Sente-se pior, meu benzinho?

—Nhor-não, respondeu ela.

—Pois então!... t: preciso não entregar o corpo à moleza... Abra os olhos... Olhe... esta aqui este homem (e apontou para Meyer) que é alamão e trouxe uma carta do tio de mecê, o Chico, lá da Mata do Rio. Quero mostrar que, para mim, vale tanto como se fosse esse próprio parente tão a nós chegado. Por isso é que venho apresentá-lo...

Ela nada articulou.

—Vamos, diga... Tenho muito gosto em lhe conhecer... diga.

Com vagar e acanhamento, repetiu Inocência estas palavras, ao passo que Meyer lhe estendia a mão direita, larga como uma barbatana de cetáceo, e franca como o seu coração.

—Gosto, muito gosto tenho eu, disse ele com três ou quatro sonoros arrancos de garganta. Só o que sinto é vê-la doente... Mas o doutor não nos deixará ficar mal; não é, Sr. Cirino?...

E apoiou esta pergunta com um hem? que ecoou por toda a sala.

—A senhora, respondeu o interpelado, precisaria tomar por alguns dias um pouco de bom vinho do Porto, em que se pusesse casca de quina do campo... Mas, onde achar agora vinho? Só na Vila de Sant'Ana . . .

—Vinho? perguntou Meyer.

—Sim.

—Vinho do Porto?

—Melhor ainda.

—Pois tudo se arranja, na minha canastra tenho uma garrafa do mais superfino e com a maior satisfação a ofereço à filha do meu bom amigo o Sr. Pereira.

—Oh! Sr. Meyer, agradeceu este com efusão, não sabe quanto lhe fico . . .

—Qual! não tem obrigação, não, senhor. Além do mais, sua filha é muito bonita, muito bonita, e parece boa deveras... Hã de ter umas cores tão lindas, que eu daria tudo para vê-la com saúde...

Que moça! . . . Muito bela!

Estas palavras que o inocente saxônio pronunciara ex abundantia cordis produziram extraordinário abalo nas pessoas que as ouviram.

Tornou-se Pereira pálido, franzindo os sobrolhos e olhando de esguelha para quem tão imprudentemente elogiava assim, cara a cara, a beleza de sua filha; Inocência enrubesceu que nem uma romã; Cirino sentiu um movimento impetuoso, misturado de estranheza e desespero, e, lá da sua pele de tamanduá-bandeira, ergueu-se meio apavorado o anão.

Nem reparou Meyer e com a habitual ingenuidade prosseguiu:

—Aqui, no sertão do Brasil, há o mau costume de esconder as mulheres. Viajante não sabe de todo se são bonitas, se feias, e nada pode contar nos livros para o conhecimento dos que lêem. Mas, palavra de honra, Sr. Pereira, se todas se parecem com esta sua filha, é coisa muito e muito digna de ser vista e escrita! Eu...

—O Sr. não quer retirar-se? interrompeu Pereira com modo áspero.

—Pois não! replicou o alemão.

E como despedida acrescentou, dirigindo-se para Inocência:

—Chamo-me Guilherme Tembel Meyer, seu humilde criado, e estimo muito conhecê-la por ser a senhora filha de um amigo meu e prender a gente com o seu lindo rosto...

Estendeu então a mão, fez um movimento de cabeça, e acompanhou ao mineiro que já ia saindo, branco de cólera concentrada.—E que me diz o Sr. deste homem? perguntou a Cirino a meia voz e puxando-o de parte.

—Reparei muito nos seus modos, respondeu-lhe o outro no mesmo tom.

—Nem sei como me contenha... Estou cego de raiva... Que presente me mandou o Chico!... É uma peste, este diabo melado... Vê uma rapariguinha e enche logo as bochechas para lhe dizer meia dúzia de pachouchadas e graçolas... Não está má esta!... 1!: um perdido. Nada... Isto não me cheira bem: vou ficar de olho nele. . .

—Faz muito bem, apoiou Cirino.

—Vejam só, continuou Pereira retendo o seu interlocutor para deixar Meyer distanciar-se, em boas me fui eu meter! . . . Se não fosse a tal carta do mano, o cujo dançava ao som do cacete... Malcriadaço! Uma mulher que daqui a dois dias esta para receber marido... Deus nos livre que o Manecão o ouvisse... Desancava-o logo, se não o cosesse a facadas... Vejam só, hem?... Sempre 6 gente de outras terras... Cruz! Também vi logo... um latagão bonito. .. todo faceiro... haverá por força de ser rufião.

Ouvia-o Cirino em silêncio.

—E mulher, prosseguiu o mineiro com raivosa volubilidade, 6 gente tão levada da breca, que se lambe toda de gosto com ditinhos e requebros desta súcia de embromadores. Com elas, digo eu sempre, não há que fiar... Má hora me trouxe este alamão... Mil raios o rachim!... E logo o Chico... Tenho agora que ficar de alcatéia... meter-me em tocaia e fazer fojos para que o bracaíá não me entre no galinheiro. Ora que tal!

—Também, breve se vai ele embora, lembrou Cirino a modo de consolo.

—Que o demo o leve quanto antes, replicou Pereira. Já estou todo enfernizado com o tal homem...

Neste momento, como que de propósito, voltava-se Meyer para os dois:

—Sr. Pereira, disse ele, ficarei em sua casa talvez umas duas semanas. Os burrinhos vão engordar no seu pasto e eu hei de fazer compridas viagens nesta sua fazenda, apanhando tudo o que nela encontrar... Ouviu?

Reprimiu o interpelado um gesto de viva contrariedade e, levado pelo instinto e dever de hospitalidade, de pronto respondeu, embora secamente:

—Fique duas semanas, ou dois meses ou dois anos. Já lho disse: a casa é sua, e palavra de mineiro não volta atrás. Quem esta aqui, não é o Sr., é meu irmão mais velho.

Agarrando então com força na mão de Cirino, acrescentou em voz surda e angustiada:

—Olhe, doutor; veja só isto! Que lhe dizia eu?... Ah! meu Meyer, quer se engraçar comigo, não é? Mas cá fico... e, uma vez avisado, nem dois, nem três me botam poeira nos olhos... Não é com essa! Nocência nasceu filha de pobre, mas, graças a Maria Santíssima, tem ainda pai com braço forte e muito sangue nas veias para defendê-la dos garimpeiros e cruzadores de estrada... Ele que não brinque com o Manecão; é homem de cabelinho na venta e se lhe bota a mão em cima, esfarela-lhe os ossos, como se fora veadinho do campo enroscado por sucuri...

Ia, contudo, Meyer, de todo ponto alheio ao temporal provocado por suas inconsideradas palavras e, sem dúvida, estimulada em suas reminiscências pela vista da menina que acabava de admirar, cantarolava entredentes uma velha valsa alemã, dançada talvez com alguma loura patricia em épocas remotas e de menos rigorismo científico.